

# Umberto Saba

**F**ilho de um cidadão italiano e de uma judia, Umberto Saba (pseudônimo de Umberto Poli) nasceu em Trieste (então pertencente ao Império Austro-Húngaro) em 1883 e morreu em 1957.

Ao lado de Giuseppe Ungaretti, Eugenio Montale e Salvatore Quasimodo, é um dos maiores poetas produzidos pela Itália no século XX. Estudou arqueologia, alemão e latim na Universidade de Pisa, de 1903 a 1904. Nesse período, uma desordem nervosa, que haveria de persegui-lo a vida inteira, começou a molestá-lo. Casou-se em 1909, após ter servido na marinha mercante e no exército. Um ano depois, adotou seu *nom de plume*.

Foi em Florença, em 1911, que publicou o seu primeiro livro de poesia, recebido friamente pela crítica. Após a I Guerra Mundial, à qual serviu, voltou a Trieste, sua cidade natal, e se estabeleceu como livreiro-antiquário. Dois anos depois, em 1921, publicou a primeira edição do *Canzoniere* (Cancioneiro), que haveria de ser reeditado em numerosas edições sempre aumentadas, chegando a perfazer 400 poemas num período de 50 anos. Perseguido durante o regime fas-



Trieste. Piazza della Borsa, próximo da livraria de Saba.

cista, foi obrigado a vender a sua livraria e esconder-se para evitar a deportação. Esteve inclusive em Paris. Em 1939, seu amigo Ungaretti o ocultou em sua própria casa.

Foi em 1946, com a concessão do famoso Prêmio Viareggio, que Umberto Saba recebeu a aclamação entusiasmada da crítica, que passou a incluí-lo entre as grandes vozes poéticas da Itália.

Com o estado mental agravado, e longos períodos passados em clínicas, morreu em 1957, um ano depois do falecimento de sua mulher, Caroline Wölfler. Desde então, a sua glória se ampliou por todo o Ocidente.

As traduções do *Canzoniere* de Umberto Saba que ora apresentamos foram realizadas pelo poeta Geraldo Holanda Cavalcanti, a quem a Academia Brasileira de Letras atribuiu em 2006 o seu Prêmio de Tradução. Tradutor de Ungaretti, Quasimodo e Montale, e ainda do *Cântico dos Cânticos*, ele publicará brevemente, pela editora Record, uma antologia de Umberto Saba.



Umberto Saba em 1908, quando fazia o serviço militar.

Afirma Geraldo Holanda Cavalcanti: “Saba destaca-se na poesia italiana pela sua excentricidade geográfica e estilística. Triestino, ficou à margem dos grandes movimentos literários. Mas foi sua linguagem personalíssima, sua distância e independência dos modelos e convenções, que mais o caracterizou.”

~ De Casa e campagna (1909-1910)

*A mia moglie*

*Tu sei come una giovane,  
una bianca pollastra.  
Le si arruffano al vento  
le piume, il collo china  
per bere, e in terra raspa;  
ma, nell'andare, ha il lento  
tuo passo di regina,  
ed incede sull'erba  
pettoruta e superba.  
È migliore del maschio.  
È come sono tutte  
le femmine di tutti  
i sereni animali  
che avvicinano a Dio.  
Così se l'occhio, se il giudizio mio  
non m'inganna, fra queste bai le tue uguali,  
e in nessun'altra donna.  
Quando la sera assonna  
le gallinelle,  
mettono voci che ricordan quelle,  
dolcissime, onde a volte dei tuoi mali  
ti quereli, e non sai  
che la tua voce ha la soave e triste  
musica dei pollai.*

*~ De Casa e Campo (1909-1910)**À minha mulher*

És como uma jovem,  
Uma galinha branca.  
O vento lhe assanha  
as plumas, o pescoço inclina  
para beber, e a terra cisca;  
mas, andando, tem o teu passo  
lento de rainha  
e pelo gramado desfila  
empertigada e altiva.  
É melhor que o macho.  
É como são todas  
as fêmeas de todos  
os animais serenos  
que vivem perto de Deus.  
Assim se o olho, se o juízo  
não me engana, a elas te assemelhas  
e a nenhuma outra mulher.  
Quando a noite adormenta  
as galinholas,  
elas se fazem ouvir com vozes que recordam aquelas  
dulcíssimas, em que, por vezes, teus queixumes  
exprimes, e não sabes  
que a tua voz tem a suave e triste  
música dos poleiros.

*Tu sei come una gravida  
giovenca;  
libera ancora e senza  
gravezza, anzi festosa;  
che, se la lisci, il collo  
volge, ove tinge un rosa  
tenero la sua carne.  
Se l'incontri e muggire  
l'odi, tanto è quel suono  
lamentoso, che l'erba  
strappi, per farle un dono.  
È così che il mio dono  
t'offro quando sei triste.*

*Tu sei come una lunga  
cagna, che sempre tanta  
dolcezza ha negli occhi,  
e ferocia nel cuore.  
Ai tuoi piedi una santa  
sembra, che d'un fervore  
indomabile arda,  
e così te riguarda  
come il suo Dio e Signore.  
Quando in casa o per via  
segue, a chi solo tenti  
avvicinarsi, i denti  
candidissimi scopre.  
Ed il suo amore soffre  
di gelosia.*

És como uma grávida  
bezerra;  
ainda livre e sem graveza,  
de fato alegre;  
que, se a alisas, para ti volta  
o pescoço onde é de um rosa  
suave a sua carne.  
Se ao encontrá-la a escutas  
mugir, é tão lamentoso o seu som  
que um punhado de grama  
arrancas para dar-lhe.  
É assim que meu dom te ofereço  
quando estás triste.

És como uma esguia  
cadela, que sempre tanta  
doçura tem nos olhos,  
e ferocidade no peito.  
A teus pés dir-se-ia uma santa  
que arda de um fervor  
indomável  
e te contemple  
como a seu Deus e Senhor.  
Mas se em casa ou na rua te segue  
a quem apenas tente  
aproximar-se os dentes  
alvíssimos descobre.  
E o seu amor sofre  
de ciúme.

*Tu sei come la pavida  
coniglia. Entro l'angusta  
gabbia ritta al vederti  
s'alza*

*e verso te gli orecchi  
alti protende e fermi;  
che la crusca e i radicchi  
tu le porti, di cui  
priva in sé si rannicchia,  
cerca gli angoli bui.*

*Chi potrebbe quel cibo  
ritoglierle? chi il pelo  
che si strappa di dosso,  
per aggiungerlo al nido  
dove poi partorire?  
Chi mai farti soffrire?*

*Tu sei come la rondine  
che torna in primavera.  
Ma in autunno riparte;  
e tu non hai quest'arte.  
Tu questo hai della rondine:  
le movenze leggere;  
questo che a me, che mi sentiva ed era  
vecchio, annunciavi un'altra primavera.*

*Tu sei come la provvida  
formica. Di lei, quando  
escono alla campagna,  
parla al bimbo la nonna  
che l'accompagna.*



És como a arisca  
lebre. Na estreita coelheira  
ereta ao ver-te  
se alça  
e para ti as orelhas alonga  
altas e imóveis  
quando o farelo e a chicória  
lhe trazes, e à cuja falta  
se encolhe  
e busca esconder-se no escuro.  
Quem poderia o alimento  
retomar-lhe? Quem o pêlo  
que arranca do dorso,  
para juntá-lo ao ninho  
onde dará cria?  
Quem jamais te poderia fazer sofrer?

És como a andorinha  
que regressa na primavera.  
Mas no outono reparte;  
esta arte não tens.  
Isto, sim, tens da andorinha:  
o rápido mover-se,  
aquilo que a mim, que me sentia e era  
velho, anunciava uma outra primavera.

És como a precavida  
formiga. É dela  
quando saem para o campo,  
que fala ao menino a avó  
que o acompanha,

*E così nella pecchia  
ti ritrovo, ed in tutte  
le femmine di tutti  
i sereni animali  
che avvicinano a Dio;  
e in nessun'altra donna.*

## *La Capra*

*Ho parlato a una capra.  
Era sola sul prato, era legata.  
Sazia d'erba, bagnata  
dalla pioggia, belava.*

*Quell'uguale belato era fraterno  
al mio dolore. Ed io risposi, prima  
per celia, poi perché il dolore è eterno.  
ha una voce e non varia.*

*Questa voce sentiva  
gemere in una capra solitaria.*

*In una capra dal viso semita  
sentiva querelarsi ogni altro male,  
ogni altra vita.*

E também na abelha  
te descubro, e em todas  
as fêmeas de todos  
os animais serenos  
que vivem perto de Deus;  
e em nenhuma outra mulher.

## A Cabra

Conversei com uma cabra.  
Estava só, no campo, amarrada.  
Saciada de erva, molhada  
de chuva, berrava.

Seu berro monótono era fraterno  
a minhas dores. E eu respondi-lhe, primeiro  
brincando, depois porque também eterno,  
invariável e monótono é o sofrimento.  
Essa era a voz que eu ouvia gemer numa cabra  
solitária.

Numa cabra de rosto semita  
ouvia o lamento de todas as dores,  
de todas as vidas.

## ~ De Trieste e una donna (1910-1912)

### Trieste

*Ho attraversata tutta la città.  
Poi ho salita un'erta  
popolosa in principio, in là deserta,  
chiusa da un muricciolo:  
un cantuccio in cui solo  
siedo; e mi pare che dove esso termina  
termini la città.*

*Trieste ha una scontrosa  
grazia. Se piace,  
è come un ragazzaccio aspro e vorace,  
con gli occhi azzurri e mani troppo grandi  
per regalare un fiore;  
come un amore  
con gelosia.*

*Da quest'erta ogni chiesa, ogni sua via  
scopro, se mena all'ingombrata spiaggia,  
o alla collina cui, sulla sassosa  
cima, una casa, l'ultima, s'aggrappa.*

*Intorno  
circola ad ogni cosa  
un'aria strana, un'aria tormentosa,  
l'aria natia.*

*La mia città che in ogni parte è viva,  
ha il cantuccio a me fatto, alla mia vita  
pensosa e schiva.*

## ~ De *Trieste e uma Mulher* (1910-1912)

### Trieste

Atravessei toda a cidade.  
Depois subi uma ladeira,  
cheia de gente ao princípio, no fim deserta,  
fechada por uma mureta:  
um recanto onde sozinho  
me sento; e a mim parece que onde ela termina,  
termine a cidade.

Trieste tem uma graça  
capciosa. Quando agrada,  
é como um garotão áspero e voraz,  
de olhos azuis e as mãos grandes demais  
para oferecer uma flor;  
como um amor  
ciumento.  
Daqui do alto descubro cada igreja, cada rua  
leve ela à praia atulhada  
ou à colina em cujo cimo rochoso  
uma casa, a última, se aferra.  
Em volta  
de cada coisa circula  
um ar estranho, um ar tormentoso,  
o ar nativo.

A minha cidade que por toda parte é viva  
tem o recanto feito para mim, à medida de minha vida,  
meditativa e reclusa.

## *L'appassionata*

*Tu hai come il dono della santità.  
Nacque con te, ti segue ove ti porta  
la passione,  
fa dei peccati tuoi opere buone,  
d'ogni giudizio ti rimanda assolta.*

*Questa grazia che a te fors'anco è ignota  
è il nostro amore, è la tua verità.  
Quanto riguardi tosto a te si vota,  
Offre a te la sua vita.  
Dell'inferta ferita  
poi sanguini così dentro il tuo cuore,  
che si chiede perdono a te, o devota,  
o appassionata, o pura  
sempre quanto la più giusta creatura;  
che perderti volessi non lo puoi,  
di cui s'amano i falli perché tuoi.*

*La tua voce che a me giunge più amara  
e più impregnata dell'intima ambascia,  
si ascolta come una musica bassa,  
come una lenta musica di chiesa.  
Nell'anima che tu, innocente, hai lesa  
strana dolcezza lascia,  
pure al ricordo, la tua voce amara.*

## A apaixonada

Tens como se fosse o dom da santidade.  
Nasceu contigo, te segue aonde te leva  
a paixão,  
em boas obras transforma os teus pecados,  
de todo julgamento te absolve.

Esta graça que ainda te é, talvez, ignota  
é o nosso amor, é a tua verdade.  
O que contemplos, rápido a ti se entrega,  
a ti oferece a vida.  
Da ferida infligida  
tanto te sangra o coração em seguida  
que a ti pede perdão quem a sofre, ó devotada,  
ó apaixonada, ó pura,  
sempre tanto quanto a mais justa criatura;  
que se quisesses perder-te não o puderas,  
pois que de ti amam-se as faltas porque tuas.

A tua voz que a mim chega mais sofrida  
e mais impregnada de aflição  
se escuta como uma música profunda,  
como a um lento coro em cantochão.  
Na alma que sem querer feriste  
uma estranha doçura apenas deixa  
a lembrança da tua voz dorida.

## *La Bugiarda*

*Perché arrossire? Io credo  
pure alle tue bugie.  
Hanno più religione delle mie  
verità; che se a volte in esse io vedo  
ghiaccio bevande di ardente colore  
che consolano e crescono la sete;  
i poeti, mio amore,*

*i gloriosi poeti e i vecchi saggi,  
e gli eroi che tornavano da mète  
lontane, dopo immortali viaggi,  
e, forse, in sue segrete  
leggi, nella giustizia sua l'Eterno,  
sentono come me che non discerno  
fra il pensato ed il vero.  
E chi sa che a sua immagine il pensiero  
non muti fino le cose passate,  
quando con cuore e con labbra agitate  
dici la tua menzogna, e con l'ardore  
di chi chiede ai suoi santi suoi perdoni,  
che grazia impetra con sante orazioni.*

*Or tu dunque rallegrati. Io credo  
solo alle tue bugie.  
La tua voce ha le vie  
del mio cuore; né in te ricerco traccia  
di colpa; anzi più pura  
ti vedono nel male gli occhi miei.  
Altro dirti poss'io se da natura  
fatta così femminilmente sei?*



## A Mentirosa

Por que corar? Eu creio  
até mesmo em tuas mentiras.  
Contêm mais religião do que as minhas  
verdades; porque às vezes nelas vejo  
bebidas geladas de ardentes cores  
que a sede amainam e aumentam;  
os poetas, meu amor,

os poetas gloriosos e os velhos sábios  
e os heróis que regressavam de metas  
remotas, depois de imortais viagens,  
e, talvez, em suas secretas  
leis, em sua justiça, o Eterno,  
sentem como eu que não distingo  
entre o pensado e o vivido.  
E quem sabe se à sua imagem o pensamento  
não mude mesmo as coisas passadas,  
quando com o coração e os lábios agitados  
dizes tua mentira, e com a ânsia  
de quem pede aos santos seu perdão  
a graça impetra com santas orações.

Alegra-te, pois. Eu creio  
apenas em tuas mentiras.  
Tua voz sabe o caminho  
de meu coração; nem busco em ti traço  
de culpa; antes, no mal, te vêem  
mais pura os olhos meus.  
Que outra coisa posso dizer-te se, de natureza  
feita, assim tão feminino tu sejas?

## *Nuove versi alla Lina*

*Una donna! E a scordarla ancor m'aggiro  
io per il porto, come un levantino.  
Guardo il mare: ha perduto il suo turchino,  
e a vuoto il mondo ammiro.*

*Una donna, una ben piccola cosa,  
una cosa — Dio mio! — tanto meschina;  
poi una come lei, sempre più ascosa  
in se stessa, che pare ogni mattina  
occupi meno spazio a questo mondo,  
dare ad un'esistenza il suo profondo  
dolore; solo io qui sentirmi e sperso,  
se più di lei la mia città non riempio,  
spoglio per essa, e senz'altre, il tempio  
dell'universo.*

*Una donna, un nonnulla. E i giorni miei  
sono tristi, una donna ne fa strazio,  
piccola, che una casa nello spazio,  
un piroscifo è tanto più di lei.*

## Novos versos para Lina

Uma mulher! E para esquecê-la ainda  
qual levantino flano pelo porto.  
Contemplo o mar: perdeu seu azul turquesa,  
e vazio olho para o mundo.

Uma mulher, uma bem pequena coisa,  
uma coisa – meu Deus! – tão sem importância;  
e ela, cada vez mais escondida  
em si mesma, que cada dia parece  
ocupar menos espaço no mundo,  
trazer a uma existência a mais profunda  
dor; fazer sentir-me só e disperso,  
se dela minha cidade já não encho,  
dela despida, sem altar nem templo  
no universo.

Uma mulher, quase nada, e os meus dias  
são tristes, uma mulher os faz tortura,  
tão pequena que perto dela uma casa  
um navio, ocupam mais espaço.

~ *De Cose leggere e vaganti* (1920)

*Commiato*

*Voi lo sapete, amici, ed io lo so.  
Anche i versi somigliano alle bolle  
di sapone; una sale e un'altra no.*

SOVRUMANA DOLCEZZA ....

*Sovrumana dolcezza  
io so, che ti farà i begli occhi chiudere  
come la morte.*

*Se tutti i succhi della primavera  
fossero entrate nel mio vecchio tronco,  
per farlo rifiorire anche una volta,  
non tutto il bene sentirei que sento  
solo a guardarti, ad aver te vicina,  
a seguire ogni tuo gesto, ogni modo  
tuo di essere, ogni tuo piccolo atto.  
E se vicina non t'ho, se a te in alta  
solitudine penso, più infuocato  
serpeggia nelle mie vene il pensiero  
della carne, il presagio*

*dell'amara dolcezza,  
che so che ti farà i begli occhi chiudere  
come la morte.*

~ De *Cose leggere e vaganti* (1920)

## Despedida

Vós o sabeis, amigos, e eu o sei.  
Também os versos se parecem a bolas  
de sabão; há uma que sobe e outra não.

### *DOÇURA SOBRE-HUMANA ...*

Eu sei de uma doçura sobre-humana  
que te fará fechar os belos olhos  
como a morte.

Se a primavera com todas suas seivas  
tivesse entrado no meu velho tronco  
para fazê-lo reflorir ainda  
maior prazer não sentiria agora  
com apenas ver-te e te sentir comigo,  
seguir teus gestos, cada tua maneira  
de ser, cada um de teus menores atos.  
E se perto não estás, se penso em ti  
na solidão profunda, mais em chama  
serpeia em minhas veias o desejo  
da carne, o presságio

da amarga doçura, eu sei,  
que te fará fechar os belos olhos  
como a morte.

## ~ De *Autobiografia* (1924)

### *Autobiografia*

*Per immagini tristi e dolorose  
passò la giovinezza mia infelice,  
che l'arte ad altri ha fatte dilette,  
come una verde tranquilla pendice.*

*Tutto il dolor che ho sofferto non lice  
dirlo, né voglion mie rime festose.  
Amano esse chi in suo cuore dice:  
Per rinascere torrei le stesse cose.*

*A viver senza il molto ambito alloro  
fui forse il solo poeta italiano;  
né questo ancor mi fa un'anima amara.*

*Quando un debole sono non m'accoro.  
L'orgoglio è il mio più buon peccato umano.  
La mia giornata a sera si rischiara.*

## ~ De *Autobiografia* (1924)

### Autobiografia

Entre imagens tristes e dolorosas  
passou-se minha infeliz juventude,  
que a arte para outros fez ditosa  
como uma verde e tranqüila vertente.

Tudo quanto sofri dizer não vale  
nem o querem expressar as minhas rimas.  
Elas amam falar de quem assim diz:  
tudo faria igual se renascesse.

Sem a coroa de louros desejada  
fui, da Itália, talvez, o único poeta;  
mas isso não tornou minh'alma amarga.

Quando fraco me sinto não entristeço.  
O orgulho é o meu bom pecado humano.  
Minha jornada se aclara com o crepúsculo.

~ *De Fanciulle* (1925)

*Nuda in piede, le mani dietro il dorso...*

*Nuda in piede, le mani dietro il dorso,  
come se in lacci strette  
tu gliele avessi. Erette  
le mamelle, che ben possono al morso*

*ceme ai baci allettar. Salda fanciulla  
cui fascia l'amorosa  
zona selvetta ombrosa,  
vago pudore di natura. Nulla*

*altro ha nulla. Due ancora tondeggianti  
poma con grazie unite  
pare chiamino il mite  
castigo della fanciullezza. Oh, quanti*

*vorrebbero per sé ai miei occhi il lampo  
del piacere promesso,  
che paradiso è spesso,  
e più spesso è l'inferno senza scampo!*



~ De *Fanciulle* (1925)

Nua, de pé, as mãos postas atrás...

Nua, de pé, as mãos postas atrás  
como se amarradas  
as tivesses, tetas eretas  
que bem podem à mordida convidar

como aos beijos aleitar. Brava moça  
a quem um bosqueto sombrio cinta  
a zona amorosa, vago pudor  
da natureza. Nada, nada mais

a cobre. Duas maçãs arredondadas  
unidas pela graça  
parecem convidar  
aos doces castigos da infância. Ó

quanto aos meus olhos vibraria o prazer  
por elas prometido  
que tanto é paraíso  
quanto às vezes é o inferno sem saída.

~ *De Cuor morituro* (1925-1930)

*Favoletta*

*Il cane,  
bianco sul bianco greto,  
segue inquieto  
un'ombra,*

*la nera  
ombra d'una farfalla,  
che su lui gialla  
volteggia.*

*Ignara  
ella del rischio, a scorno  
gli voli intorno  
parrebbe.*

*Ignara  
gli vienne, o astuta, addosso.  
Egli di dosso  
la scuote,*

*e volgesi  
vorace all'ombra vana,  
che si allontana  
dal greto,*

*e sopra  
un fiore, a suo costume,*

~ *De Cuor morituro* (1925-1930)

Pequena fábula

O cão,  
branco sobre o branco álveo,  
segue inquieto  
uma sombra,

a negra  
sombra d'uma borboleta  
que sobre ele, amarela,  
volteja.

Inconsciente  
do risco, dir-se-ia  
voa-lhe em torno  
por zombaria.

Inconsciente  
ou ardilosa, pouosa-lhe em cima.  
Ele de cima  
a sacode,

e se vira  
feroz para a sombra enganosa  
que do álveo  
se afasta

e, sobre  
uma flor, como é costume,

*rinchiude il lume  
dell'ali.*

*Sappiate,  
dilettissimi amici,  
che nel felici  
miei giorni,*

*ai giorni  
che il mio, oggi arido, cuore  
era all'amore  
rinato,*

*anch'io  
con preda più stupenda,  
ebbi vicenda  
uguale.*

*Ed era  
bella! L'ultima cosa  
che in me di rosa  
se tinse.*

*Ed io,  
io le lasciai sua vita;  
io de ho ghermita  
un'ombra.*

*Sapevo  
— sconsolata dolcezza —  
ch'era saggezza  
umana.*

recolhe o lume  
de suas asas.

Sabei,  
caros amigos,  
que nos meus dias  
felizes,

nos dias  
em que meu coração, hoje árido,  
ao amor  
renascia,

também eu,  
com presa ainda mais rara,  
vivi igual  
história.

Como era  
bela! A última coisa  
que em mim se coloriu  
de rosa.

E eu,  
eu a larguei à sua vida;  
dela agarrei  
só a sombra.

Sabia  
– doce desconsolo –  
ser isso a humana  
sabedoria.

~ *De Parole* (1933-1934)

*Donna*

*Quand'eri  
giovinetta pungevi  
come una mora di macchia. Anche il piede  
t'era un'arma, o selvaggia.*

*Eri difficile a prendere.*

*Ancora*

*giovane, ancora  
sei bella. I segni  
degli anni, quelli del dolore, legano  
l'anime nostre, una ne fanno. E dietro  
i capelli nerissimi che avvolgo  
alle mie dita, più non temo il piccolo  
bianco puntuto orecchio demoniaco.*

~ *De Parole* (1933-1934)

## Mulher

Quando eras  
jovem picavas  
como a amora do mato. Mesmo o teu pé  
te servia de arma, ó selvagem.

Era difícil te pegar.

Ainda

és jovem, ainda  
és bela. As marcas  
dos anos, das dores, nos ligam  
as almas, fazem-nas uma só. E sob  
teus cabelos negríssimos, que em meus dedos  
envolvo, já não temo a pequena  
branca e pontuda orelha demoníaca.

## ~ *De Ultime cose* (1935-1943)

### *Alberi*

*La colomba che preda la festuca  
e la porta nel nido invidia, e voi  
alberi silenziosi, a cui le foglie,  
ben disegnate, indora il sole; belli  
come bei giovanetti o vecchi ai quali  
la vecchiezza è un aumento. Chi vi guarda  
— verdi sotto una nera ascella frondi  
spuntano; alcuni rami sono morti —  
le vostre dure sotterranee lotte  
non ignora; la vostra pace ammira,  
anche più vasta.*

*E a voi ritorna, amico;  
laghi d'ombra nel cuore dell'estate.*

### *Ultimi versi a Lina*

*La banda militare che affollava  
vie più il Corso la sera, i fanaletti  
oscillanti alla marcia — il battistrada  
tronfio alzava e abbassava il suo bastone —  
le tue compagne: la buona, la scaltra,  
l'infedele in amore; il verde fuori  
e dentro la città; le laceranti  
sirene dei vapori che partivano;  
le osterie di campagna;  
queste cose*



## ~ De *Ultime cose* (1935-1943)

### Árvores

Invejo a pomba que apresa a palha  
 e a leva ao ninho, e invejo a vós, também,  
 silentes árvores, a cujas folhas  
 bem desenhadas redoura o sol; belas  
 quais jovens belos, ou velhos aos quais  
 a velhice enriquece. Quem vos olha  
 – verdes na axila negra onde a folhagem  
 desponta; alguns ramos estão mortos –  
 a vossa dura luta subterrânea  
 não ignora; a vossa paz admira,  
 ainda mais vasta.

E a vós retorna, amigo;  
 lagos de sombra em pleno verão.

### Últimos versos para Lina

A banda militar que pela tarde  
 o Corso enchia ainda mais, as lanternas  
 oscilando com a marcha – o baliza  
 garboso alçava e baixava o bastão –  
 tuas companheiras: a boazinha, a esperta,  
 a infiel no amor; o verde fora  
 e dentro da cidade; as lancinantes  
 sirenes dos navios que partiam;  
 os albergues de campo;  
 estas coisas

*furono un giorno — ricordi — cui venne,  
una a una, una fine.*

*La memoria,  
amica come l'edere alle tombe.  
cari frammenti ne riporta in dono.*

## ~ De *Uccelli* (1948)

### Nietzsche

*Intorno a una grandezza solitaria  
non volano gli uccelli, né quei vaghi  
gli fanno, accanto, il nido. Altro non odi  
che il silenzio, non vedi altro che l'aria.*

## ~ De *Epigrafe* (1947-1948)

### Epigrafe

*Parlavo vivo a un popolo di morti.  
Morto alloro rifiuto e chiedo oblio.*

que foram um dia – recordas – e uma  
a uma chegaram ao fim.

A memória,  
amiga como a hera o é dos túmulos,  
delas nos traz a dádiva dos restos.

## ~ De *Uccelli* (1948)

### Nietzsche

Em volta de uma grandeza solitária  
não voam as aves, nem fazem seus ninhos  
Nada se ouve mais do que o silêncio.  
Nada se vê mais do que o vago espaço.

## ~ De *Epígrafe* (1947-1948)

### Epígrafe

Falava, vivo, a um povo de mortos.  
Morto, agora, recuso e peço olvido.